

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 161 - 164

Cavaleiro de Oliveira, aventureiro do século XVIII, de Artur Portela. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 (Coleção Temas Portugueses).

Ilustre Libertino Lusitano

Antonio Alcir B. Pécora

Ao cabo do bloco estrangeirado onde aparentemente se acomodam Blutteau, Castro Sarmiento, Ribeiro Sanches, Vernei, o et coetera se escreve com outro nome: Cavaleiro de Oliveira. Entretanto, Artur Portela, em seu breve estudo e antologia, não se deixa enganar: o que em Le Chevalier há de ilustrado mal dá para a viagem. Falta-lhe o estofo de tratadista, a disciplina científica, a visão política de pedagogo, a paciência. Falta-lhe sobretudo o esprit d'engagement, a crença empenhada na corrente progressista que arrasta consigo a Europa, a Natureza e não poupa a Deus. De resto, agarrado a seu título,

Antonio Alcir Bernárdez Pécora é professor do Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP

Francisco Xavier de Oliveira está imerso nos movimentos de sua própria existência e nos acidentes ao redor, muito especialmente aqueles que se refletem no rubor de certas faces, em restritas residências, nas melhores cidades : Lisboa já se foi, está em Viena, agora Amsterdam, Haia, passou a Londres neste instante.

Mas, se não ao lado dos estrangeiros, qual o seu lugar? Para responder a isto, Artur Portela amplia o foco das questões literárias até onde elas se mesclam com outras próximas de uma espécie de antropologia de tipos urbanos. Nessa perspectiva, discorda dos que vêem no Cavaleiro um caso de donjuanismo: seria mais apropriado situá-lo entre os libertinos. Estes, diferentemente dos donjuans, não são prisioneiros de uma ansiedade trágica do absoluto, nem mesmo padecem do tumulto contraditório e inexaurível das paixões. O libertino beija com os olhos cobertos de razão. E quando troca de braços, leitos e favores, ele não o faz sob o desejo que enseja uma metafísica do amor, mas de acordo com o cálculo circunstancial e esquemático que mede as chances imediatas de sobrevivência... aritmética ad hoc de dotes e dívidas.

Projetada a figura do libertino no século dezoito, Artur Portela julga possível discernir os contornos de um grupo social específico: o dos gregos, como se chamavam entre si, ou, simplesmente, dos aventureiros. Em boa parte, órfãos de pequena aristocracia, atuam nas brechas da vaidade burguesa e alimentam-se de negociatas íntimas que escapam ao controle dos novos-ricos. Mas vão

além, não há limite preciso para a sua indiscreta juris
dição: estão presentes em todos os jogos, em todas as
barras, em todos os blefes das tramas sociais. São Casa
nova, Pignata, Teodoro de Neuhof, Prévost, Beaumarchais,
Passamo, Ange Goudar, Tilly, Langalerie, Vincent Gaudio,
Frederico de Horn... A lista é ampla e de nacionalidade
vária. De comum acordo, porém, assinariam sob a frase la
pidar de seu mais ilustre camarada lusitano: o mundo é a
pátria natural, universal de todos os homens. E em seu
caminho pelo mundo, a sua bagagem é sobretudo a chave do
talento do camaleão, a capacidade de amoldar-se aos usos
e costumes dos países que pisam e trocam, como de calça
dos ao sabor de novos figurinos. Não raro, entretanto,
são eles próprios os trocados, sob a rigidez dos prazos
e das botinas dos fiscais. É no interior desse jogo de
adaptabilidade oportunista que Artur Portela interpreta,
sem surpresa, a abjuração pública do catolicismo e o lu
teranismo londrino do Cavaleiro.

O aventureiro no século das luzes tem ain
da uma outra propriedade: é fortemente intelectualizado,
escreve bem, fala melhor. O espírito é o capital inicial
de que dispõe, o passé-partout, a via para penetrar na
roda restrita das elegantes. O discurso é pré-requisito
de sua carreira, instrumento fundamental de seu ofício
de amar. Os sucessos do Cavaleiro se contam em muitas
cartas, reflexões, memórias, impressões de viagem, muitas
delas escritas na língua do século, o francês. Mas cum
pre notar que o seu destinatário último é sempre Portu

gal: é para a província que escreve o seu jornal cosmopolita. E é este paradoxo, delineado por Artur Portela, que valeria a pena investigar para não se perder de vista uma outra viagem, quase anônima, que Portugal terá feito, não por mar, mas pelas estradas que vão tocar a miragem das capitais.